

A Natureza engendrou o direito de comunidade, e foi a usurpação que produziu o direito de propriedade. Santo Ambrósio

A PLEBE

O dragão que está á entrada do palácio anarquico nada tem de terrivel: é uma palavra apenas! Elisee Reclus

Toda a correspondência e valores ao administrador CECILIO MARTINS

ENDEREÇO: CAIXA POSTAL, 195 — S. PAULO Séde: LADEIRA PORTO GERAL, 9

ASSINATURAS: Anual, 10\$000 Numero avulso Semestre, 5\$000 100 réis PACOTES: Cada 12 exemplares, 1\$000

Maximalismo e anarquismo

A propósito destas duas tendências, que tanto preocupam aos estudiosos da questão social, acaba de aparecer, subordinado ao título destas linhas, um interessante folheto do camarada José T. Lorenzo.

O autor apresenta-nos um estudo que se nos afigura dos mais acertados que até hoje temos lido sobre tão momentoso assunto. Para melhor compreensão do seu trabalho, o autor dividiu a doutrina maximalista em trinta e quatro princípios, os quais constituem as relações sociais do sistema soviético.

Para melhor compreensão do seu trabalho, o autor dividiu a doutrina maximalista em trinta e quatro princípios, os quais constituem as relações sociais do sistema soviético.

Para melhor compreensão do seu trabalho, o autor dividiu a doutrina maximalista em trinta e quatro princípios, os quais constituem as relações sociais do sistema soviético.

Para melhor compreensão do seu trabalho, o autor dividiu a doutrina maximalista em trinta e quatro princípios, os quais constituem as relações sociais do sistema soviético.

Para melhor compreensão do seu trabalho, o autor dividiu a doutrina maximalista em trinta e quatro princípios, os quais constituem as relações sociais do sistema soviético.

Para melhor compreensão do seu trabalho, o autor dividiu a doutrina maximalista em trinta e quatro princípios, os quais constituem as relações sociais do sistema soviético.

Para melhor compreensão do seu trabalho, o autor dividiu a doutrina maximalista em trinta e quatro princípios, os quais constituem as relações sociais do sistema soviético.

Para melhor compreensão do seu trabalho, o autor dividiu a doutrina maximalista em trinta e quatro princípios, os quais constituem as relações sociais do sistema soviético.

Para melhor compreensão do seu trabalho, o autor dividiu a doutrina maximalista em trinta e quatro princípios, os quais constituem as relações sociais do sistema soviético.

Para melhor compreensão do seu trabalho, o autor dividiu a doutrina maximalista em trinta e quatro princípios, os quais constituem as relações sociais do sistema soviético.

Para melhor compreensão do seu trabalho, o autor dividiu a doutrina maximalista em trinta e quatro princípios, os quais constituem as relações sociais do sistema soviético.

Para melhor compreensão do seu trabalho, o autor dividiu a doutrina maximalista em trinta e quatro princípios, os quais constituem as relações sociais do sistema soviético.

Para melhor compreensão do seu trabalho, o autor dividiu a doutrina maximalista em trinta e quatro princípios, os quais constituem as relações sociais do sistema soviético.

Para melhor compreensão do seu trabalho, o autor dividiu a doutrina maximalista em trinta e quatro princípios, os quais constituem as relações sociais do sistema soviético.

Para melhor compreensão do seu trabalho, o autor dividiu a doutrina maximalista em trinta e quatro princípios, os quais constituem as relações sociais do sistema soviético.

Para melhor compreensão do seu trabalho, o autor dividiu a doutrina maximalista em trinta e quatro princípios, os quais constituem as relações sociais do sistema soviético.

Para melhor compreensão do seu trabalho, o autor dividiu a doutrina maximalista em trinta e quatro princípios, os quais constituem as relações sociais do sistema soviético.

Para melhor compreensão do seu trabalho, o autor dividiu a doutrina maximalista em trinta e quatro princípios, os quais constituem as relações sociais do sistema soviético.

Para melhor compreensão do seu trabalho, o autor dividiu a doutrina maximalista em trinta e quatro princípios, os quais constituem as relações sociais do sistema soviético.

Para melhor compreensão do seu trabalho, o autor dividiu a doutrina maximalista em trinta e quatro princípios, os quais constituem as relações sociais do sistema soviético.

Para melhor compreensão do seu trabalho, o autor dividiu a doutrina maximalista em trinta e quatro princípios, os quais constituem as relações sociais do sistema soviético.

Para melhor compreensão do seu trabalho, o autor dividiu a doutrina maximalista em trinta e quatro princípios, os quais constituem as relações sociais do sistema soviético.

consideradas propriedade nacional ("Republica Russa dos Soviets") e são entregues aos trabalhadores, sem nenhuma espécie de indenizações sobre a base do gozo igual delas por todos.

ANARQUISTAS — Entendemos que a propriedade privada da terra não pôde existir. A terra, como o ar, a agua e a luz, são elementos naturais e essenciais para a vida de todos, e não pôde em direito e em boa justiça, pertencer a um homem ou a muitos homens reunidos, nem é suscetível de ser organizada de modo que signifique a privação dos seus benefícios naturais para um ou muitos seres.

Os benefícios que na terra produzem o trabalho e a arte do homem, pertencem

Os benefícios que na terra produzem o trabalho e a arte do homem, pertencem

Os benefícios que na terra produzem o trabalho e a arte do homem, pertencem

Os benefícios que na terra produzem o trabalho e a arte do homem, pertencem

Os benefícios que na terra produzem o trabalho e a arte do homem, pertencem

Os benefícios que na terra produzem o trabalho e a arte do homem, pertencem

Os benefícios que na terra produzem o trabalho e a arte do homem, pertencem

Os benefícios que na terra produzem o trabalho e a arte do homem, pertencem

Os benefícios que na terra produzem o trabalho e a arte do homem, pertencem

Os benefícios que na terra produzem o trabalho e a arte do homem, pertencem

Os benefícios que na terra produzem o trabalho e a arte do homem, pertencem

Os benefícios que na terra produzem o trabalho e a arte do homem, pertencem

Os benefícios que na terra produzem o trabalho e a arte do homem, pertencem

Os benefícios que na terra produzem o trabalho e a arte do homem, pertencem

Os benefícios que na terra produzem o trabalho e a arte do homem, pertencem

Os benefícios que na terra produzem o trabalho e a arte do homem, pertencem

Os benefícios que na terra produzem o trabalho e a arte do homem, pertencem

Os benefícios que na terra produzem o trabalho e a arte do homem, pertencem

Os benefícios que na terra produzem o trabalho e a arte do homem, pertencem

Os benefícios que na terra produzem o trabalho e a arte do homem, pertencem

Os benefícios que na terra produzem o trabalho e a arte do homem, pertencem

MAXIMALISTAS — Consideram a lei relativa á anulação dos empréstimos, como primeiro golpe dado no capital internacional.

ANARQUISTAS — Toda a ação contra o capital internacional e contra os governos, é direta por parte dos trabalhadores por meio duma ofensiva económica, fóra completamente de toda a ação política, leis e inspeções legais.

O passado morreu. Ao passarem todos os instrumentos de trabalho para as mãos dos operários e expropriação a riqueza social, os capitalistas deixaram de ser em virtude dos fatos, e vêm-se obrigados também a trabalhar para poderem viver. Desde esse momento, eles não podem qualquer outro produtor e não podem atingil-os diferenças de tratamento, vinganças e repressalias, que repugnam a todo aquele que fundamenta o seu ideal num objeto de justiça social.

VIII

MAXIMALISTAS — Transferecia de todos os Bancos para o Estado Operario e Campones, como uma das condições da libertação das massas trabalhadoras do jugo do Capital.

O "Polvo" Industrial



Enquanto os trabalhadores carecem de tudo, os sanguessugas do industrialismo estovam á falta de ação, retemperadora dos musculos e purificadora dos sentimentos. Isto continuará até o dia em que os trabalhadores façam valer a justiça na terra.

trabalho e á arte e não á terra. São energia, esforço e intelligencia do homem e, por consequencia, conferem direito de usufruto geral, pelo menos, em grau relativo.

MAXIMALISTAS — Como primeiro passo para a transferecia das fabricas, das minas, dos caminhos de ferro e outros meios de produção e de transporte para a "Republica Operaria e Camponesa dos Soviets" o congresso dos Soviets decreta a lei de inspeção operaria sob o Conselho Supremo de Economia Nacional com o objeto de assegurar o poder dos trabalhadores sobre os exploradores.

ANARQUISTAS — Como primeiro passo para a organização económica em sociedade libertaria, as fabricas, as minas, os caminhos de ferro e outros meios de produção e transporte, passam a depender diretamente dos grupos operarios organizados livremente com o fim de atender com o menor esforço e pela melhor maneira as necessidades comuns.

A transformação económica da sociedade é suscetível de realizar-se sem que se interrompa um dia, que seja, o trabalho, por quanto os grupos operarios estarão reinados na obra que devem realizar durante a revolução e cada operario sabe muito bem que o seu trabalho será aquele que, anteriormente realizado por conta de outro, terá de fazer para si mesmo. Os mesmos trabalhadores e tecnicos que trabalhavam para beneficio do patrão, suprimidos os privilegios deste, passando as fabricas, as minas, os campos de cultura, os caminhos de ferro etc., para as mãos dos grupos, continuarão os seus trabalhos sem interrupção, não já, como dantes, apenas para beneficio de alguns, mas para satisfazer as necessidades de todos.

ANARQUISTAS — Estando as funções económicas nas mãos dos grupos operarios, é natural que nas suas operações directas de intercambio de produtos não utilizem valores convencionais — o dinheiro visto que, não existindo, como anteriormente, o comercio, estes valores não terão razão de subsistir.

MAXIMALISTAS — Para suprimir os elementos parasitarios da sociedade e organizar a vida economicamente, fica estabelecido o registro civil obrigatorio.

ANARQUISTAS — Quem não trabalha não produz e quem não produz não tem produtos para si, nem para trocar-os por outros com outros homens.

De fato, o que não trabalha não pôde satisfazer as suas necessidades de um modo normal e, portanto, não pôde viver. Onde os homens trabalham, por conta propria, para si mesmos, não ha, não pôde haver parasitismo.

MAXIMALISTAS — Para assegurar a posse plena do poder ás massas trabalhadoras e suprimir toda a possibilidade do poder aos exploradores, decreta-se o armarmento dos trabalhadores, a formação do exercito vermelho socialista dos operarios e dos camponeses e o desarmamento completo das classes opressoras.

ANARQUISMO — Para assegurar a plena liberdade de todos os homens, precisamos de anular todo o instrumento de violencia, toda a hierarquia e poder. É preciso que não existam exercitos, milicias e policias, nem a instituição alguma cujo objetivo seja o exercicio de uma autoridade ou poder sobre o homem.

A burguezia não terá armas e os trabalhadores não fabricarem; e não será forçada a trabalhar; e não será forçada a trabalhar.

Santos 12-12-20.

AFONSO SCHMIDT.

A' margem da grève

Os trabalhadores de Santos estão dando uma animadora prova de que a propaganda dos novos ideais de emancipação humana não está sendo feita em terreno estéril e que, apesar do acachorrado zelo dos burocratas da burguezia, acorrençados á porta do capitalismo oligarca, a consciencia das infelizes massas exploradas, val desabrochando, como uma grande flor, com promessas solidas de, em breve, se transformar em fruto.

Ve-se que a maioria começa a enxergar claro no abismo em que a colocou um milenio de superstição, de preconceito, de obediencia cega e de ignorancia. Ela principia a saber que a vida só é digna de ser vivida quando iluminada pela justiça; que os patrões, enumerando a cada passo os "deveres" dos seus servos, demonstram possuir uma memoria muito fraca porque omitem os seus direitos; que trabalhar para aumentar a riqueza de outrem, não é um bem, não é um dever, não é nada disso que por si se escreve — é unicamente uma violencia, nada mais.

Pensando em tudo isto e principalmente por sentirem a impossibilidade de viver mais a familia com a migalha ridicula que o sr. Guinle lhes atrava de seu banquete perene, como quem tira um ossa dos cães — eles se declararam em grève.

Raras vezes tenho visto um movimento tão coeso, tão forte, tão consciente. Estudando o progresso que o proletariado socialista vem fazendo, eu chego a esta conclusão: com mais meia dúzia de Pontes e de Urbina, a revolução seria um fato, mais cedo do que eles imaginam. A violencia dos satrapas vale por um manifesto falado, gritado, comentado, estudado e discutido, em toda a parte. O czar trabalhou mais para a revolução russa do que Leuine.

E o movimento foi perfeito. Nenhum crumiro. Nenhuma hesitação. Ouvia-se o Comité Central de Defesa da Grève e não as "notas officiais" publicadas a peso de ouro pela superintendencia da Docas.

Um fato que me alegrou imenso foi a repulsa unanime provocada pelo aparecimento de possíveis intermediarios, o sr. Washington, a Associação Commercial, etc. E' evidente que os proletarios de Santos já compreenderam isto perfeitamente: o capitalista jamais poderá servir de arbitro entre patrões e operarios, porque os seus interesses, lá deles, estão sempre opostos aos dos trabalhadores. Um patrão da Senegambia defenderá sempre, a todo o transe, os interesses de um patrão de Patagonia, porque os seus interesses são comuns, desde que um deles esteja em luta com os que produzem a sua fortuna.

A calma empregada é, ás vezes, muito util. Nesta grève, por exemplo, ela teve o dom de desconcertar os planos de esmagamento urdido pela policia. A tranquillidade operaria fez cair num formidavel ridiculo todo o aparato belico para aqui transportado pela policia. Foi um sucesso. Nunca vi o meu povo trocar de qualquer coisa com tanto bom humor!

Para vingar-se disto, sabado e domingo, nos bairros do Campo Grande e do Matucó, houve uma verdadeira caçada humana. E não é forçá de expressar — que os trabalhadores a laco, como os cães — no sentido mais corrente e verdadeiro destas palavras. Mulheres affitas e crianças espavoridas abandonaram os lares e se refugiaram nos matagais.

Mas ainda assim a policia foi infeliz. Estas façanhas acabaram de colocar o publico santista completamente ao lado dos operarios da Docas.

Eu vi até burguezes, negociantes grossos (dos poucos que ainda não perderam de todo o coração) vir ás redações dos jornais, relatar os fatos, com a mais justa indignação e exclamarem:

— Diga que eu vi; eu assumo o responsabilidade!

Escrevo estas linhas numa segunda-feira, dia que o sr. Guinle havia marcado para o regresso de pessoal aos seus empregos. E, escrevendo, gosto de deceção de um alfomfadilha illustre que, ao contrario do que pensava e da que lhe dizem, os activadores de seus milhões, não se não vir os operarios atenderem ao "paternal" apelo, como tambem teve occasio de apreciar uma coisa inédita: os crumiros ameaçarem de fazer grève!

No armazem n. 10 essa grève original foi abafada por um "true" do feitor e deois, a coronhada...

Ao pingar o ponto final nestas tiras sei e fatos que dão a ideia mais perfeita do que val pelas Docas: os vagabundos do "lo. insubordinam-se e espancam; os operarios de S. Paulo e do Rio, abandonam o serviço, em massa, por não quererem atacar os seus colegas de Santos — ou por que acham o trabalho desmasiadamente pesado para ganhar tão pouco.

A grève da Docas é, portanto, uma questão ganha para os trabalhadores. Além d'outros motivos, o sr. Guinle não pôde responder ao comercio, á industria, ao governo e ao publico, que cusam de má administração, capricho e de perverso.

Santos 12-12-20.

AFONSO SCHMIDT.

Edgard Leuenroth

GRANDE FESTIVAL

Comovente demonstração de solidariedade do operariado ao nosso companheiro, Edgard Leuenroth, co-redator de "A Plebe".

Organizado por um grupo de trabalhadores, deve realizar-se no dia 18 de Dezembro um bem organizado festival, cujo produto é destinado a custear as despesas ocasionadas com a enfermidade deste companheiro que por esse motivo foi obrigado a deixar a redação deste jornal, procurando alivio em Terezopolis.

Dado o fim deste beneficio é de esperar que o salão seja pequeno para comportar os trabalhadores que hão de prestar a sua solidariedade a Edgard Leuenroth.

Todos devem acorrer ao salão do Palácio Moderno, no dia 18 de Dezembro.

Os piratas da Companhia Docas

Uma quadrilha de piratas fez construir em torno do vizinho porto de Santos uma verdadeira muralha, cercando todas as ruas, impedindo a circulação do ar, pelo que a população se asfixia.

Como bandidos na encruzilhada, postaram-se nessa muralha e para a passagem das ricas massas o magro asso que a Companhia atrá nos seus escravos, produz neles o exgotamento rápido das energias físicas, e ocasiona a sua morte prematura. A Docas enriquece, pois, organizando o assassinio sistemático dos trabalhadores. Com estes criminosos processos ela distribue anualmente entre os seus actionistas milhares de contos, fruto da rapina e do homicidio.

E a Republica, o Estado, com os seus ruzes a sua marinha de guerra, a sua milicia assume a defesa, a proteção da empresa, quando o trabalhador, estafado pelo trabalho e aniquilado pela miseria, e nega a suportar as iniquas condições estabelecidas pelos negreiros da Docas, de-lhes ao peito o fuzil e a metralhadora, prende-os nas suas casas ou, na via publica, e sob uma chuva de golpes de chanfallo grita-lhes ou trabstam ou morrem!

Principalmente nestas occasioes a inabilidade de domicilio, a falta de individualidade, o respeito á dignidade, a honestidade da mulher, a inocencia e pudor da criança desparecem, e a horda policial, cumprindo ordens impudicas, isto é dos mandatarios, não invadem o respeitavel lar dos cavalleros do trabalho, cometendo vandalismos inauditos. Depois seguem-se as prisões, os supplicios nas céas, as deportações em massa, o recrutamento de crumiros.

Todas essas e outras inírelvas violencias e levam a effeito em nome da Ordem na Luz da Liberdade de trabalho, da Patria da Republica!

Fagora cabe lembrar aos almofadilhados faculdades e das academias, que chegam ou novamente á hora de prestarem o seu concurso em prol do bem publico, orrendo á Santos em socorro da Companhia Docas, substituído os grevistas no trabalho de carga e descarga dos vapores, onduzindo, sobre os hombros, durante horas consecutivas, volumes de 60, 80 ou 150 kilos.

Creio que os grevistas de Santos estão livres desse modo de abandono cívil e dos meninos bonitos, porque uma rofina conduzir durante algumas horas um carro de passageiros embolsando o produto

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54

to das passagens e outra coisa a trabalhar nos porões dos navios num serviço inhumano e brutal.

Os almofadinhas não estão para os marinheiros; os estivadores sem de curvar com o rosto surrado, coberto de suor ou de terra e a patria não pode esperar a juventude "chica" e o patriotismo deles, que patriótico, porém, senti, feito de pomada, carimim e pó de arroz.

Os camaradas trabalhadores do porto de Santos devem saber perfeitamente que o vaupador Guinle e a sua comandita nada fizeram para a construção das Docas, que tudo foi feito pelos trabalhadores, e portanto os trabalhadores é que são os seus verdadeiros donos. Os diretores da Companhia Docas são uns intrusos que agora os ameaçam com a expulsão do serviço, mas os trabalhadores são os que têm todo o direito, toda a razão de despedir, de expulsar esses parasitas por vagabundos e piratas, que roubam o suor, a vida, os direitos dos homens, e dos produtores livres.

O operariado de todo o mundo segue com o máximo interesse este movimento afirmando nele risonhas esperanças, esperando que seja mais uma vitória da grande emancipação humana, cuja realização definitiva está em vias de colmar a terra.

Estamos certos de que, finalmente, a prepotência e arrogância da Docas ha de ser quebrada pelo esforço, firmeza, tenacidade dos trabalhadores.

Nem a calúnia, a mentira, a traição ou o terror policial terão o poder de esmagar esta greve que, como todas as outras, tem por fim a defesa da justiça contra a iniquidade.

FLORENTINO DE CARVALHO.

### Revolução e Parlamentarismo

Com os tempos bleandos que se atravessaram em que todas as velhas chapas políticas e economicas, que durante séculos embutucaram os povos, perdem todo o valor e todo o credito, prestando-se ao ridiculo e á chalaca da massa popular que abandonou todo o respeito aos velhos manipulos, ha ainda ingenuos e simplistas que sonham com o prestigio do parlamentarismo, com a moral parlamentar, com a sua renovação para apressarem o advento da Revolução, como se a Revolução Social fosse alguma panacea com que se acena ao povo para melhor o escamotear.

Não negamos inteiramente valor, intrinseco ao parlamentarismo, no passado. No tempo do poder pessoal e absoluto dos reis e dos imperadores despotas e todos os governos, que eram o possio, quero e mandado das nações, que não admittiam nenhuma diminuição de poder nem a minima observação ás suas resoluções despoticas e descabidas, o parlamentarismo foi benéfico, constituiu o primário núcleo de resistencia e de fé no futuro e de aspiração em melhores dias, dando convergencia ás almas e atraindo os homens ao concerto duma era de mais valor e liberdade.

Mas... como todas as instituições, uma coisa é estar fóra do círculo de poder e outra é constituir-se poder, governo, Estado. O parlamentarismo no seu inicio teve ás suas batalhas, ás suas vitimas, ganhou muitos louros, obteve algumas conquistas, a humanidade deve-lhe alguns beneficios.

Porém, um bello dia, foi atraido á orbita estadual; tornou-se poder, governo, dono e arbitro dos povos, das nações. Revolucionario na véspera, tornou-se conservador e reaccionario no dia seguinte. De perseguido fez-se perseguidor. De vitima tornou-se algoz, de réu transformou-se em juiz severo, implacavel e intolerante para com todos que não lessem pela sua cartilha. A brutalidade antiga foi amenizada, com promessas vagas, com conselhos paternalistas, com ameaças veladas. E ao povo, em lugar de pão abundante e alimento farto e são, deu-se discursos, discursos kiométricos; retorica fioreada, conversa fiada; pálavreado sonoro; artistico, retumbante, muito bonito e certo, mas que não tinha o dom nem o prestigio de encher os estomagos vazio. E, mais uma vez, a miragem da felicidade geral afastava-se, como as afasia o horizonte á medida que avancamos na sua direcção.

Ora, que nesses tempos se mantivessem flúscos acerca do parlamentarismo, é natural, pois só com a experiencia, após verificados os fatos e vistos os seus bons ou máus resultados, nos poderemos conhecer do beneficio ou da inutilidade de qualquer instituição ou ideia.

Hoje, porém, não ha tal motivo. A prova parlamentar está feita e demonstrada.

Só se pôdem iludir os que não queiram ver e convencer-se. Senão digam-nos: O que nos trouxe um século de eleições, de parlamentos, de discursos muito extensos e muito estereotes?

Um Himalaia de leis inúteis, contraditorias, irracionais, que os proprios governos parlamentares são os primeiros a desprezar, a calcar aos pés, a violar, desde que os seus interesses a isso os obrigarem. Trouxe-nos e deu-nos essa monstrosissima guerra que ceifou milhões de vidas, que destruiu tantas riquezas, que tantas calamidades produziu e á qual nem todas as guerras anteriores reunidas se podem comparar.

Como, pois, compreender que certos espiritos por esse fogo fatuo do parlamento, pretendendo magnetizar um morto que está a pedir o panteon da Historia, pedindo-lhe esforços e obras que o mesmo nunca realizou?

Triste officio de embalsamar cadáveres.  
PINHO DE RIGA.

### Pela organização da Legião Libertaria

Podemos com orgulho afirmar que as nossas ideias são incomparáveis, que se impõem pela sua eloquencia, e que o mundo vai reconhecendo nelas a unica fonte de bem-estar e de felicidade.

Ante as nossas luminosas concepções todos os outros postulados baqueiam. Levamos de vencida todos os adversarios em toda a parte cantamos victoria.

Porém, "os que mais gritam são os que têm mais razão". Os nossos inimigos contam com organizações poderosas, com armas formidáveis. Do Parlamento, das escolas superiores ou primarias, dos templos, da tribuna, do livro, da imprensa eles ensurdecem o povo, entulham a mente humana com ideias retrogradadas, princípios salafaristas, sofismas, mentiras e sandices difundidas a granel.

Por isso ainda fazemos propositos. Ao contrario, a nossa voz, que é a voz da razão, da justiça e da ciencia, é ainda muito debil, porque não temos organização nem escolas, nem livros, nem imprensa.

Carecemos de todos os meios de acção e de propaganda. Nós os libertarios estamos dispersos, não nos conhecemos, não temos a coesão necessaria para a pratica da familiaridade, da solidariedade e da não effricente.

A grandeza, a gloria dos nossos postulados reclamam de nós uma attitude corajosa, isto é uma acção energica, um esforço titanico, capaz de chamar a atenção das massas cujos timpanos vibram attingidos pela sirena da banda reaccionaria, e orientam-se pelo caminho do bom senso, da verdadeira vida.

Não faltam entre nós elementos para esta magna obra, mas é preciso que eles se conjuguem, que venham viver á gloriosa vida dos gladiadores pelo ideal, que se lancem empolgados pelo entusiasmo colectivo, pelo exemplo da audacia, do sacrificio, do amor pela nossa causa.

É preciso que ninguém fique covardemente detraz da porta espiando os que marcham, resoluções, á caminho da victoria.

Precisamos saber quantos somos; as attitudes duvias devem terminar; conhecer a com os malvados exploradores da humanidade e verdugos do povo.

Urge a organização dos nossos centros, dos nossos grupos, da federação, da soma de todas as nossas forças para o combate final cujo triunfo se aproxima.

É preciso criar uma escola em cada rua, uma tribuna em cada esquina; em cada casa empapelar o Brazil com os nossos livros, com os nossos opusculos, com a nossa imprensa.

Primeiro que tudo, acima de tudo devemos fazer vingar as ideias de emancipação social do proletariado, da libertação de todos os seres humanos; devemos pugnar pela realizção immediata do comunismo-anarquico.

Precisamos merecer o elevado nome de anarquistas, o qualificativo de libertarios, que tanto nos enaltece.

Sabemos pois agir de accordo com os nossos principios e lutar com abnegação e entusiasmo, demonstrando a rigidez das nossas convicções.

Companheiros, sejam-nos dignos da grande ideia que é o principal escopo e motivo da nossa vida.

FLORENTINO DE CARVALHO.

### RAÇA DE PIRANHAS...

Ha nos rios do Brazil uns peixes chamados piranhas, de dentes afiadissimos, duma voracidade terrivel, que, quando apanham algum animal ou homem, lançam-se-lhe com tal sofreguidão que em breve só resta o esqueleto daquelle que minutos antes ainda pertencia ao numero dos vivos.

Esabido e conhecido que os boiadeiros de Mato Grosso quando querem fazer passar a boiada, por um rio, lançam adiante um boi que é sacrificado ao apetite voraz das piranhas, para os outros bois passarem a salvo dos terribes anavalhados dentes.

Pois procurando no amplo campo do

ráino animal percorrendo toda a escala e gerarquia dos seres vivos, só uma raça control digna emula das sofregas, insaciáveis e perigosas piranhas: — a burguezia. É verdade. Essa raça daninha e sugadora por excelencia — a raça burguezia — ramo degenerado da especie humana trabalhador e produtiva, a exemplo das insaciáveis piranhas e peor que elas pois piranha não come piranha, lança mão do trabalhador mal ainda saído das falxas infantis, na época em que a escola, os passeios e os alegres brinquedos deviam ajudar a desenvolver-se, crescer e criar-se e lança-o no fundo duma mina, dentro duma fabrica ou á porta dum forno e começa essa obra suora de bobernavel de chupar o sangue daquelle a quem quele sangue inocente de amezimar aquelle carne, de atrotillar aqueles ossos, de castrar o quele cerebro e, do bérço á cultura, aqueles piranhas monstruosas, sacia-se nas carnes palpitantes desses inumeráveis seres, cuja fatalidade historica arremessou ao regaço da sua cupidize, da sua voracidade, da sua desmedida ambição.

Mais voraz que as vorazes piranhas! Estas agarram-se á vitima e sofregamente lhe serram, arrancam e devoram a carne. O sofrimento é intenso, agudo, terrivel, mas ao menos é rápido. A burguezia, pelo contrario, calculista ao extremo, não pretende matar as vitimas duma só vez. Vai-as sangrando, aos poucos, continuamente, persistentemente, durante dias, anos, vidas inteiras, de geração de pais a filhos e de avós a netos, lefinhando a raça, depauperando os organismos, morte lenta e miseravel que leva o maior numero á tuberculose, ao tétano, á meningite, ao suicidio forçado ou voluntario, ao alcoolismo e a todos os terribes males e vicios que são apagação dessa sociedade doentada, daninha e perigosa, á sociedade burguesa.

A jesuitica burguezia sabe conservar a salina dos ovos de ouro.

Por isso, paulatinamente, vai extraindo a selva e a vida dos trabalhadores; vai-os explorando, inexoravelmente, fazendo-os produzir muito e dando-lhes em troca progressos vils e mesquinhas que nunca se contem até que venha a morte e tudo se desvanece.

Que raça burguezia! Que raça burguezia! Que raça burguezia! Quantos nos libertaremos dela!

DEMOCRITO.

### O Evangelho da Hora

Acaba de sair do prelo este precioso folheto de propaganda comunista, de Paulo Berthelot, com a biografia do autor pelo camarada Neno Vasco.

Editado pelo Grupo Editor de Obras Sociais "Neno Vasco"; o folheto ainda está sendo vendido ao preço de \$500 cada exemplar.

Os pedidos de 30 ou mais exemplares terão o abatimento de 25 oje.

Os pedidos podem ser endereçados a Luiza Costa, caixa postal, 135, S. Paulo. Acha-se também á venda em nossa relação e os pedidos podem ser feitos pelo correio, enviando-nos as importancias espeladas do correio.

Os pedidos pelo correio são accrescidos a importância do respectivo porte.

### LIVRO DO MOMENTO "A verdade acerca da revolução russa"

Trata-se de um livro interessantissimo e que todas as pessoas estudiosas do problema social e principalmente as que se preocupam em conhecer o que se passa com referencia á revolução russa de em ler. O seu preço é de \$5.00, vendido em nossa redacção. Aceitamos pedidos do interior e Estados.

### Em prol de Edgard Lenenoth

Programa do festival a realizar-se em 18 do corrente no Palacio Moderno (rua da Moóca), em beneficio do ex-redator d' "A Plebe"

Primeira Parte — Ouverture pela orquestra; Segunda Parte — Um ato variado; Terceira Parte — O drama em 4 actos:

### "Militarismo e Miséria,"

Quarta Parte — Torneio de luta greco-romana por quatro profissionais que gentilmente ofereceram e seu concurso. Terminará este espetaculo com uma engraçada comedia

### Conferencia libertaria

Ao Centro de Cultura Social, Centro Feminino Jovens Idealistas, Grupo "Os Revoltados", Grupo "Neno Vasco", Grupo "Os Vermelhos", Grupo d' "A Plebe" e todos os anarquistas e simpatisantes

O Centro Libertario julgando necessario chegar a um entendimento entre os militantes libertarios sobre a organização das nossas forças, como tambem sobre as varias correntes de opinião surgidas no nosso meio a proposito da ditadura proletaria e do bolchevismo, etc.;

Considerando tambem que urge intensificar a nossa propaganda, principalmente pela imprensa, este Centro convida a todos os anarquistas e simpatisantes a comparecer á conferencia libertaria que terá lugar na 2.a-feira, 20 do corrente, ás 7 horas da noite no salão "Gil Vicente", á avenida Rangel Pestana n. 265, sobrado, na qual será tratada a seguinte ordem do dia:

- 1.0 — Abertura da sessão por um membro do Centro;
- 2.0 — Organização dos militantes libertarios;
- 3.0 — Anarquismo e bolchevismo;
- 4.0 — A nossa imprensa;
- 5.0 — Assuntos varios — Pede-se o comparecimento de todos.

A entrada será franqueada ao publico, reservando-se a commissão o direito de vedar a quem, ao seu ver, possa perturbar a boa ordem dos trabalhos

A COMISSÃO.

### ASSUNTOS FEMININOS

### A FORMOZURA DA MULHER

(Continuação)

As injusticas revoltam sempre. Mas nenhuma revolta tanto como a que condena uma pobre mãe a ver morrer lentamente, de fome, um filho, havendo ao lado tantos recursos para o salvar.

E quando pensamos que esses recursos são desperdiçados em banalidades por outras mães mães é sómente a revolta contra as injusticas de uma má organização social o que sentimos; sentimos o desespero de um mundo tão baixo, tão erminoso, que até os sentimentos mais nobres, mais intangíveis do coração feminino, conseguem cecurrir.

A segunda observação que nos sugere o lamentavel fato relatado, mostrando-nos a que ponto foi anilhada a alma feminina, é um outro espelho em que se refletem fielmente os negros frutos desta sociedade.

Tudo na vida, educação, costumes, prejuizos, tendem a destruir na mulher a vontade.

Para onde quer que dirija os passos, encontra sempre o fatidico:

Non-pius- ultra; E assim vai pouco e pouco, perdendo o imperio de si mesma, amesquinhando-se, até ficar reduzida a um ser que sómente pensa e sinta por vontade alheia.

A voz, ou por ser de uma natureza especial, ou porque os seus precetores não são de educação tradicionalista, ela consegue reagir; e assim obtém-se essa classe de mulheres que, apesar de tudo, são capazes ainda de qualquer iniciativa, algumas até, embra poucas, de levar a effetto grandes emprezas.

A maioria, porém, compõe-se dessa legião de seres sem vontade alguma, incapazes de tomar a mais simples iniciativa, que succumbem de inanição no dia em que lhes falta o apoio habitual, isto é, as pessoas encarregadas de pensar e agir por ellas.

É desta classe de mulheres que surgem essas tristes figuras de martires, das quaes é um exemplo doloroso essa desventurada mãe que, vendo o filho morrer de fome, não encontrou outra solução que acompanhar a longa agonia com o seu amargurado pranto.

Dizei-me: se nessa muther houvesse um pouco de valor, de decisão, teria deixado morrer o filhinho, sem ter tentado tudo, tudo?

Não! Se o lema jesuitico: os fins justificam os meios, não pôde ser aceite em qualquer outra circumstancia, é preciso conceder uma excepção para esta.

Todos os meios que uma mãe empregue para salvar um filho, são justificáveis; os mais baixos, os mais humilhantes, enobrecem-se ao servir-se para esse fim.

Pedir, mendigar, é vergonhoso; Mas se uma mãe não encontra outro recurso para salvar o fructo dos seus entranhas, isso não a humilha, não a deve envergonhar. O seu sacrificio á tal vez a alma da baixezza na carada, nem de tudo, até daquelle que á accorramento.

Mas, para poder compreender isto o pôlo em pratica, é preciso que essa mulher saiba pensar e agir. E ha tantas mutheres que não sabem isso!

Sintetizando tudo isto, sob um ponto de vista exclusivamente feminino, a conclusão é desoladora.

Sempre, sempre a mulher fazendo sentir os efeitos desastrosos da sua triste condicção!

E, sobre a dor e a miseria moral da sua sombria existencia, um dever se lhe impõe imperioso: ser bela.

Dize um poeta: "Para consolar a humanidade das suas dores e misérias, foi que os deuses, criaram a beleza da mulher."

Não! Para os pobres, a beleza é uma ilusão fugaz, dissipada aos embates da miseria e da luta tenaz pelo pão de cada dia. Se para ela não ha sequer infancia e juventude, que as consome á fabrica e á officina e sobretudo a falta de boa alimentação.

E mesmo ricas, a beleza é deformada pelos artificios que a moda impõe e destruída pelos vicios que a ociosidade gera.

Em vão procuramos na mulher, a beleza sublime, dom supremo da natureza concedida aos seres humanos para gaudir da especie. Não tenteis nunca procurála, enquanto nas condições da vida humana, não mudarem, porque a desillusão será atroz.

Ainda ha mulheres belas, é verdade. Mas os olhos perspicazes sabem, atravessando a assennada epidermes desses forrosos corpos deusubrir a hedonista podridão das almas insensíveis, almas encharcadas, degradadas.

Eu não direi como Ovidio: "a mulher tem o dever de ser bela." Eu direi sempre, em nome da estetica e da justiça: a mulher tem o direito de ser bela.

E quando digo bela, não me refiro apenas á belleza fisica, que essa, isolada, pouco vale. Eu reclamo para a mulher o direito de conservar a sua juventude e a sua beleza, sem estiolar a numia vida de trabalhos, privações e mortificações de toda a classe, tendo a iluminar-lhe a face e aformozar-lhe a expressao, o brilho de uma intelligencia despertada, o reflexo de uma alma sã, grande, nobre.

É para mim, imensamente mais formozza, apesar dos traços fisioinomicos pouco delicados — uma Luiza Michel que cura enfermos, consola affitos e defende um povo opprimido, do que a Divina Paiza, que, para conservar a celestial belleza de seu corpo, esbanja milhares, para conseguir os quaes era preciso que em muitos lares faltasse o pão, que muitos innocentes morressem de fome.

Inutilmente buscamos na actual sociedade, um remedio para esse mal. Sómente uma sociedade mais justa e mais igualitaria, dignificando a mulher, elevando-lhe o moral e assegurando-lhe a subsistencia, pôde criar o verdadeiro tipo da mulher formozza.

E só então, também se compreenderá que a belleza feminina possa ser um premio e um consolo para as dores e sacrificios humanos; porque a beleza será real, pura, sem podridões que repugnem e sem lamentos de vitimas amaldiçoada. E a formozura d' alma offuscando todas as outras formozuras, por isso sobre as divinas frentes femininas, o dilema da estima e do respeito que dão á mulher o imperio mais desejavel: o imperio dos caracteres.

MARIA A. SOARES.

### Agencia Lux

Fundou-se na capital da Republica esta agencia, cujo principal ramo de commercio é a venda e edição de obras sociais, literarias e scientificas que correspondam ás exigencias dos tempos modernos.

Quem desejar obter catalogos dirija-se para a avenida Rio Branco, 173, 2.º andar (entrada pela rua Chile, 14), Rio de Janeiro.

Todos os livros e folhetos desta agencia são vendidos na nossa redacção. Os pedidos devem ser feitos a Cedilio Martins.

Os pedidos para o interior, custar mais o valor do registro



# A GREVE DE SANTOS NA COMPANHIA DOCAS

## Não ha mais quem duvide que os governos Federal e do Estado estão dispostos a fazer render os trabalhadores pela fome

A policia encarcera os operarios que não querem trabalhar, e os submete aos mais infames martirios. — Os grevistas, cada vez mais firmes, declaram preferir arrostar com todas as consequencias da sua attitude a ter que trabalhar em condições escravizadas e com salarios de fome

### UMA CARTA DO COMITÊ da GREVE

A Liga Operaria da Construção Civil de São Paulo hipoteca o seu apoio ao operariado santista e concilia os trabalhadores de São Paulo a não trabalhar na Companhia Docas de Santos

A União Geral dos Trabalhadores de S. Paulo lança um veemente protesto contra as arbitrariedades policiaes de Santos e S. Paulo

7 E' bem conhecido o modo por que são os sofrimentos suportados ou simplesmente a vizinha cidade de Santos, principalmente quando a pendencia é com a poderosa Companhia Docas.

Uma greve do pessoal desta Companhia é tanto como se dissessemos: o governo declarou o "estado de sitio".

Assim foi em 1905, em 1908, em 1912, em 1919 e assim está sendo atualmente.

Movimento de forças, navios de guerra de fogos acesos, prontos para entrar em combate (não sabemos com que inimigo), os carcereiros atirados de trabalhadores, o ministro da Justiça decretando expulsões, a policia deportando por sua conta operarios para os confins de Mato Grosso ou Rio Grande, eis as providencias governamentais, repetidas em todas as épocas.

Por sua vez, a Companhia-polvo grita que os trabalhadores não querem nada, que a greve é fomentada por agitadores estrangeiros.

Se analisarmos estes ultimos movimentos, vemos que em todos foi repetida a mesma cantiga, e em todos o governo, pelos seus organos de compressão, usou da mesma violencia e da mesma parcialidade, em todos prevaleceu a força armada contra infelizes operarios que reclamavam mais pão e bem-estar.

Um fato comum nas greves de Santos é a policia prender pacatos cidadãos e obrigá-los a trabalharem para a Companhia Docas, como se os habitantes da cidade fossem todos seus escravos. Podemos dizer que Santos é um grande feudo, tendo por senhor o Sr. Erico Murça, e como administrador o almofadinha Ibrahim Nobre.

Logo que principiam a circular os primeiros boatos de greve, boatos que circulavam de uma a outra ponta da cidade, porquã as condições angustiosas dos trabalhadores das Docas eram bem conhecidas por todos, contingentes de policia principiam a ser aquartelados na cidade, esperando o momento de agir contra os rudes, mas honestos trabalhadores.

Antes de ser declarada a greve já era grande o numero de trabalhadores encarcerados. Iniciado o movimento, desencadeou-se a repressão policial do costume: os carcereiros foram atirados e os trabalhadores presos recolhidos ás já celebres "solitarias-melhadãs", despejados das suas roupas e assim permanecendo dias e dias, sendo-lhes negado tudo, inclusivé a água.

Alguns pensarão que estamos fantasiando; se que já vieram, porém, a desdita de cair nas mãos do delegado Ibrahim não poria a menor duvida no que dizemos.

Um protesto da União Geral dos Trabalhadores de S. Paulo

A União Geral dos Trabalhadores de S. Paulo, verdadeiro organo representativo do operariado organizado, ao ter conhecimento das arbitrariedades policiaes, fez distribuir por toda a cidade o seguinte boletim:

"UNIÃO GERAL DOS TRABALHADORES AO PROLETARIADO PAULISTA. — AO PUBLICO EM GERAL. — A União Geral dos Trabalhadores, genuina representante do proletariado desta capital, vem por este meio chamar a attenção do povo de S. Paulo para os atos despoticos da policia, que, de accordo, certamente, com os governantes do Estado, tem prendido dezenas e dezenas de operarios, cujos parafusos são desconhecidos.

A policia da vizinha cidade de Santos mantém aquartelados de suas familias grande numero de trabalhadores da Companhia Docas, por haverem eles reclamado da poderosa empresa um pequeno aumento nos seus ordenados, que mal dão, ao preço por que se encontram os generos de primeira necessidade, para se manterem de pé e não chegarem, absolutamente, para o sustento de suas familias.

Com a sua tão manifesta parcialidade nesta luta entre os trabalhadores e os dirigentes da famosa empresa polvo, a policia, procurando fazer com que não se distribua entre os proletarios uma uni-

ão a cidade de Santos em um verdadeiro pé de guerra, mandando vir a maior parte das tropas armadas que o Estado de S. Paulo tem: contingentes de soldados de carabinas e metralhadoras aqui foram chegados, afim de nos aterrorizar. Porém, nós não queremos a guerra; nós queremos a paz, a harmonia e o bem-estar para todos, porque o homem já não é esse ser grosseiro, temido e ignorante, a quem o menor explorador assombrou. Não sabemos sem duvida, mas ha muita coisa que ele já não ignora. E os conhecimentos com que se enriqueceu o seu cerebro são bastante vastos, seguros e variados, para que não se escape aos tormentos da ignorancia, mas tambem goste as alegrias do saber. A Companhia alega que não conhece o nosso Sindicato; mas não deve ter ficado sem conhecimento, porque emquanto não fomos atendidos em nossas reclamações e todos os nossos companheiros que se encontram nos presídios não foram postos em liberdade, não mais reclamamos o trabalho, estahão firmes e seguros na luta. Fazendo igual protesto contra os jornaes que só se ocupam de publicar calunias e infâmias contra os trabalhadores conscientes, eliminando-os e serem cinco agitadores os responsáveis pelo movimento, quando a greve dos operarios das Docas já vinha sendo discutida em assembleias ás 3 vezes pelas próprias trabalhadoras das Docas, não havendo necessidade de ser a imprensa burguesa e a imprensa burguesa o publico, mas sim milhares e milhares de familias, tenentes e qumeros mais um pedaco do pão para comer. E não nos pretendemos intermediarios politicos, nem tão pouco da imprensa burguesa, para defender o direito que nos pertence.

Viva a greve e viva a solidariedade obrera! — O Comitê Central da Defesa da Greve.

Anda que clandestinamente, o "Comitê Central de Defesa da Greve" tem se reunido regularmente todos os dias, e com ponderação e firmeza, vem orientando o movimento, procurando evitar que elementos estranhos se intrometam na greve. Uma das suas ultimas deliberações foi a de solicitar de todos os trabalhadores e do povo em geral a boicoteagem do jornal "A Tribuna", que como sempre, está associada ás Docas e á policia, e portanto pronta a todas as vilanias.

O mesmo comitê fez distribuir o seguinte aviso:

"Avisamos todos os companheiros que se encontram necessitados, que devem escrever para nossa sede, á rua Santo Antonio n. 149, em nome do sindicato das Docas, mandando-nos informações do nome, rua e numero da casa onde residem. Estes serem conhecidos os alimentos necessários para que não pensem logo de seus filhos e mulheres e ao mesmo tempo para evitar que um ou outro se deixe vencer pela fome. Solidários, não deixem que nos enganem para o trabalho e nome de todos os companheiros que se acham presos ou deportados, para tomarmos as providencias que o caso exija.

Firmeza e solidariedade são duas coisas que vencerem todas as dificuldades do mundo.

Portanto, firmes, trabalhadores das Docas!"

Os boletins do Comitê Central de Defesa da Greve

Como de costume, declarada a greve, os operarios foram rotundamente todos os meios de se orientarem; as associações, aquedadas pelos beleggins policiaes e de seus encarcerados; os trabalhadores mais estridentes e por isso em condições de orientar os seus companheiros, encarcerados ou impedidos de sair á rua; a coleção e distribuição de boletins, prohibida pela policia. Apesar desta ultima medida oppressiva, os grevistas têm conseguido spalhar pela cidade elevado numero de manifestos, com o fim de orientarem a opinião publica.

Aqui reproduzimos um deles, dirigido aos trabalhadores e ao povo em geral:

"Um energico protesto — O Sindicato dos Operarios da Companhia Docas de Santos protesta energicamente, contra as famílias mandadas cometer pela Companhia contra os trabalhadores, quando parafusos, nós reclamamos mais um pedaco de pão; a esta poderosa exploradora do sangue da humanidade, de-nos a resposta a prisão e perseguição do nosso nos lares proletarios, colocan-

do a cidade de Santos em um verdadeiro pé de guerra, mandando vir a maior parte das tropas armadas que o Estado de S. Paulo tem: contingentes de soldados de carabinas e metralhadoras aqui foram chegados, afim de nos aterrorizar. Porém, nós não queremos a guerra; nós queremos a paz, a harmonia e o bem-estar para todos, porque o homem já não é esse ser grosseiro, temido e ignorante, a quem o menor explorador assombrou. Não sabemos sem duvida, mas ha muita coisa que ele já não ignora. E os conhecimentos com que se enriqueceu o seu cerebro são bastante vastos, seguros e variados, para que não se escape aos tormentos da ignorancia, mas tambem goste as alegrias do saber. A Companhia alega que não conhece o nosso Sindicato; mas não deve ter ficado sem conhecimento, porque emquanto não fomos atendidos em nossas reclamações e todos os nossos companheiros que se encontram nos presídios não foram postos em liberdade, não mais reclamamos o trabalho, estahão firmes e seguros na luta. Fazendo igual protesto contra os jornaes que só se ocupam de publicar calunias e infâmias contra os trabalhadores conscientes, eliminando-os e serem cinco agitadores os responsáveis pelo movimento, quando a greve dos operarios das Docas já vinha sendo discutida em assembleias ás 3 vezes pelas próprias trabalhadoras das Docas, não havendo necessidade de ser a imprensa burguesa e a imprensa burguesa o publico, mas sim milhares e milhares de familias, tenentes e qumeros mais um pedaco do pão para comer. E não nos pretendemos intermediarios politicos, nem tão pouco da imprensa burguesa, para defender o direito que nos pertence.

Viva a greve e viva a solidariedade obrera! — O Comitê Central da Defesa da Greve.

Anda que clandestinamente, o "Comitê Central de Defesa da Greve" tem se reunido regularmente todos os dias, e com ponderação e firmeza, vem orientando o movimento, procurando evitar que elementos estranhos se intrometam na greve. Uma das suas ultimas deliberações foi a de solicitar de todos os trabalhadores e do povo em geral a boicoteagem do jornal "A Tribuna", que como sempre, está associada ás Docas e á policia, e portanto pronta a todas as vilanias.

O mesmo comitê fez distribuir o seguinte aviso:

"Avisamos todos os companheiros que se encontram necessitados, que devem escrever para nossa sede, á rua Santo Antonio n. 149, em nome do sindicato das Docas, mandando-nos informações do nome, rua e numero da casa onde residem. Estes serem conhecidos os alimentos necessários para que não pensem logo de seus filhos e mulheres e ao mesmo tempo para evitar que um ou outro se deixe vencer pela fome. Solidários, não deixem que nos enganem para o trabalho e nome de todos os companheiros que se acham presos ou deportados, para tomarmos as providencias que o caso exija.

Firmeza e solidariedade são duas coisas que vencerem todas as dificuldades do mundo.

Portanto, firmes, trabalhadores das Docas!"

Alguns operarios, afim de não serem forçados a trabalhar na Companhia Docas, saltaram seu bordo, para fugirem á coação da policia

A policia do Rio prohibiu a desembarque de 31 passageiros de terceira classe do vapor holandês "Franklin", chegado áquella capital no dia 8 do corrente, por ter verificado, ao apurar a sua identidade, serem os mesmos trabalhadores que vêm fugindo á ação do delegado Ibrahim Nobre, que tentou obrigá-los a trabalhar na Companhia Docas, e que, não tendo outro meio para fugir ao cativo policial, se escondiam a bordo, no momento do navio levantar ferro.

Com a prohibição da policia encarcerada semoza irrita e um homem deportado por se recusar a servir de exumbrante.

A brutalidade deste fato dispensa qualquer comentário.

Trabalhadores deportados para o Rio Grande

Do Ponta Grossa recebemos carta de tres operarios da Companhia Docas que foram deportados no dia 1.º do corrente a bordo do "Ray Barbosa" com destino a S. Francisco.

Nessa carta os tres trabalhadores, que são os operarios Domingos Gonçalves, Jeremias Fernandes e José Paves, participam-nos que foram embarcados em remeros de nenhuma especie e foram perseguidos de fome e frio se não fosse a solidariedade que lhes foi prestada pelos trabalhadores do sul.

"A Plébe" felicita estes tres companheiros, por se acharem em liberdade, e que lhes prestaram solidariedade agradável e ato de confraternização obrera.

O Comitê Central de Defesa da Greve continua desenvolvendo grande atividade, apesar de ter que se reunir clandestinamente como se fossem conspiradores os seus membros, e não obstante as dificuldades que encontra para impedir a policia que oriente o publico e os grevistas, devido á opposição da policia.

Vencendo todas as dificuldades, ainda não passou um dia que o Comitê não fizesse distribuir milhares de avulsos, que em poucas palavras pulverizam as intrinsecas politicas e pavoricas.

Em um dos ultimos boletins que o Comitê distribuiu, diz aos trabalhadores das Docas que não devem dar ouvidos aos boatos que circulam, que tem por fim levar a cabo a greve, e que não possam ser enganados pela policia da Companhia, que não devem dar ouvidos aos boatos que circulam, que tem por fim levar a cabo a greve, e que não possam ser enganados pela policia da Companhia, que não devem dar ouvidos aos boatos que circulam, que tem por fim levar a cabo a greve, e que não possam ser enganados pela policia da Companhia.

Uma carta do Comitê de Greve aos operarios de São Paulo

"CAMARADAS DE S. PAULO — Boa noite.

O Comitê Central de Defesa da Greve vem pedir-me a favor de vocês, por intermédio de "A Plébe", o organo defensor dos trabalhadores, formalis o vosso protesto

degreve as familias que por ordem da Companhia Docas estão sendo praticadas com os trabalhadores em greve.

Podia ser algo mais pacifica a nossa attitude, e apesar disso trabalhadores ha que estão ha 7 dias atirados ao fundo de uma cela humida, completamente nus e sem alimento; outros que, para se livrarem deste supplicio, são conduzidos ao Doca e si obrigados a trabalhar por forças de armas apontadas.

Esperando que nos atenderás, saudando-vos fraternalmente. — Pelo Comitê, o secretario

A parede continúa inalteravel

Como resposta á illudida alegação da Companhia de que desconhecia o officio dos operarios, porque que não era assinado por trabalhador algum, mas sim por agitados profissionais que vivem desmanchando os trabalhadores e tentando para responder ás insinuações vengidas da "Gazeta do Povo", que fazendo uso das informações da policia e da Companhia Docas, chama covardes aos camaradas que esboçadores dos planos politicos, se puzeram a salvo de violencias, para assim poderem evitar a influencia nefasta dos elementos estrangeiros que em todos os movimentos analogos ao de greve na Companhia Docas têm aparecido, as mais das vezes enviados pela Companhia ou pela policia.

Uma prova de que os operarios agem de modo proprio e que o Comitê é composto por operarios autenticos e trabalhadora das Docas, achamos na resistencia que tem havido por parte dos operarios. Depois de 13 dias de greve, vamos, com a maior satisfação, que nenhum companheiro retomou ainda o trabalho, apesar de todas as intrigas, ameaças e ferecimentos.

Enquanto a Companhia procura prostrar que o serviço está normalizado ou normalizar a normalidade, os camaradas das varias praças servidas pelo porto de Santos, reclamam inutilmente contra o encastelamento de suas mercadorias a bordo dos navios que estão ao largo do porto de Santos, ou que, já cansados de esperar, seguiram com as mercadorias para Buenos Aires ou para a Europa.

A opinião publica

Não só a opinião publica de Santos, como a de todo Brazil, manifesta favoravel aos grevistas. A Imprensa diaria de Santos, S. Paulo e Rio de Janeiro mostramos tambem favoravel á causa dos trabalhadores, á excepção dos organos que vivem subvencionados escandalosamente pela Companhia Docas e que, com o maior ardisimo, continuam a prégar no desquite a velha cantilena de agitadores escarregados e de demeritadas pretensões dos grevistas.

Entré os que assim descaidamente alfinam a pena e a opinião, contiamo "A Tribuna" de Santos, a respeito da qual, como atuez clicamos, o Comitê acaba de aconselhar aos operarios a boicoteagem do que desde já nos associamos.

Ultima Hora

Analises de ser informes de que o serviço de policia encastelado ás portas dos jornaes que com imparcialidade tratam a greve, prendem e espancam as pessoas que pretendem comprar os ditos jornaes, e que o mesmo acontece aos vendedores.

Varias sociedades operarias de Santos e dos Estados, como prova de solidariedade, estão pondo ao dispor do Comitê de Greve os seus fundos de reserva para que sejam socorridos os grevistas que estejam encastelados de solidiedade que "A Plébe" reclama, fazendo um apelo a todas as sociedades de S. Paulo e Interior para que enviem tambem o seu auxilio, que poderá ser dirigido ao Comitê Central da Greve em Santos, ou para a nossa redacção, para que o façamos chegar ao seu destino.

AEL/IFCH/UNICAMP, 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53

